



O fruto após a necessária morte

D. Jorge Pina Cabral

São diversas as narrativas sobre as aparições de Jesus aos seus discípulos após a Sua ressurreição. Ocupam uma parte significativa dos Evangelhos e devem constituir para nós neste Tempo de Páscoa uma forte interpelação no seu significado e proposta de sentido que conferem à Ressurreição. No seu conjunto as narrativas das aparições de Jesus são tão significativas e importantes como são as da Sua paixão, morte e ressurreição. São diferentes tempos e vivências de uma mesma realidade que é a vida de Jesus, verdadeiro homem e verdadeiro Deus. Uma não se compreendem sem as outras e iluminam-se mutuamente.

Aceitarmos as aparições de Jesus significa reconhecer a sua morte e as implicações desta na Sua vida. A morte de Jesus foi uma realidade que não pode nem deve ser anulada ou subestimada. A compreensão de Cristo ressuscitado e do novo tipo de relação que Ele mesmo nos oferece passa necessariamente pelo assumir dos efeitos da própria morte na pessoa de Jesus. Nada poderia ficar como dantes e a Sua ressurreição leva a um novo e diferente relacionamento connosco; não na sua essência de Amor, dado que esta permanece inalterável, mas antes na forma de se manifestar.

Ele passa a ser reconhecido no partir do pão (Lucas 24,30-31), no comer à mesa com os discípulos para os aquietar (Lucas 24, 42), no chamar de Maria Madalena pelo próprio nome (João 20, 16). Nas circunstâncias da vida normal Jesus agora mais livre do que antes faz-se presente para sossegar e tranquilizar e ao mesmo animar e enviar em Missão os seus discípulos.

Cristo ressuscitado requer pois, e à semelhança dos 3 discípulos no monte Tabor (Lucas 9, 28-36) o transfigurar do nosso próprio modo de estar e de olhar a realidade outra que Ele nos revela. Não procuremos encerrar o novo que se nos apresenta nos nossos velhos modelos e referências. Não procuremos voltar ao antigamente para vivermos o novo céu e a nova terra (Apocalipse 21,1) que desde já se nos oferece em Cristo ressuscitado e que S. Paulo tão bem exprimiu quando referiu: «quem vive unido a Cristo torna-se uma pessoa nova, tudo é novo» (2 Coríntios 5, 17).

Sermos arautos e testemunhas de Cristo Ressuscitado requer neste Tempo de Páscoa que sejamos capazes também de identificar em nós e à nossa volta os sinais e as realidades de morte que se anunciam e teimam em se instalar na nossa vida individual e coletiva. Levá-los a sério e às suas consequências é condição indispensável para percebermos o seu poder e os colocarmos perante o poder transformador da vida nova que a Ressurreição de Jesus nos oferece. Só no enfrentar da morte poderemos testemunhar a vida.

Verdadeiramente o «grão de trigo tem que morrer para poder dar fruto» (João 12,24). Paradoxalmente o assumir da morte e das suas consequências torna-se condição necessária para uma nova vida, se quisermos para o gozo da vida na sua plenitude. A vida que tendo experimentado a solidão e o abandono da morte é celebrada agora em comunhão abundante.

Feliz Tempo de Páscoa na expectativa do Pentecostes que se anuncia!